

SUR QUELQUES TEXTES ANCIENS CONCERNANT L'HISTOIRE NATURELLE DE L'ARCHIPEL DE MADÈRE ET DES ÎLES SALVAGES

Par Th. Monod *

Si les textes anciens (15^e-16^e siècles) concernant le *descobrimento* portugais ont été souvent analysés ou commentés par les historiens, il ne semble pas que les naturalistes leur aient toujours prêté une attention comparable, à l'exception sans doute de la *Descriçã de Cepta por sua costa de mauritania e ethiopia...* de Valentim Fernandes (1507) que j'ai annotée en 1938.

Bornant la présente étude à une région limitée (archipel de Madère et Selvagens), j'ai tenté de rassembler ici les renseignements que peuvent fournir sur la flore et la faune les quelques textes suivants:

1. — Valentim Fernandes: *Das ilhas do mar oceano* (fol. 141r^o-215r^o)
2. — Diogo Gomes: *De insulis primo inuentis in mar oceano occidentis, et primo de insulis Fortunatis, quae nunc de Canaria vocantur* (fol. 284 291).

Les textes empruntés à Valentin Fernandes sont directement transcrits à partir d'une photocopie du manuscrit original (*Codex monacensis 27*) et collationnés avec les transcriptions Pereira (1900) et Baião (1940) qui ne sont exemptes ni l'une ni l'autre de quelques menues inexactitudes: Baião disposait d'une photocopie, et Pereira, lui, de la copie ayant appartenu à Andrade Corvo et acquise par l'Etat pour la Bibliotheca nacional de Lisboa.

Contrairement à la transcription Baião, j'ai jugé utile, comme pour celle de Cénival et Monod (1938) de développer les abréviations, les in-nombrables ligatures ne facilitant pas l'accès du texte à des lecteurs peu soucieux de paléographie.

De plus, j'ai mis des capitales initiales aux toponymes et parfois, pour plus de clarté, précisé la ponctuation.

On notera que le signe s. représente *scilicet* et signifie donc "assavoir".

* Muséum national d'Histoire naturelle, 43 rue Curvier, 75005, Paris.

Les documents réunis étant seulement ceux qui peuvent intéresser le naturaliste, rien ici ne concerne l'historien: d'ailleurs, même sur des points précis, p. ex. date et auteurs de la découverte de telle ou telle île, l'on en reste aux suppositions. Si les Canaries ont bien été visitées dans l'Antiquité pourquoi Madère et son archipel, ou les Selvagens auraient-elles pu n'être «découvertes» qu'au 15^e siècle? On s'accorde d'ailleurs aujourd'hui à admettre qu'il ne s'agissait alors que d'une "redécouverte" et que João Gonçalves Zarco et Tristão Vaz ont été seulement les premiers colonisateurs (cf. BOURDON, 1960, n.º 2, p. 260, *ubi litt.*).

I. *Das ilhas do mar oceano* (fol. 141rº - 215rº)

1. *Ylha de Madeyra* (fol. 159rº - 169vº)

a) [fol. 159vº] Ao dito caualleyro yngres [Machym] pareço bem o porto [de "Matschiquo"] e a terra deço nella. E mandou leuar hum triquete vela para huma tenda e machados e fouças e barrijs e todo o que auia mester para comer e repousar em terra, ho qual mandou armar a sua tenda sobre a borda da rybeyra, a qual esta muy graciosa e desafadadiço de muytos peixes e muytas aues mansas atee as tomarem com a maõs. [1]

b) [fol. 160rº]... quanto mais que estamos em terra muyto bõa e muyto graciosa e ayrosa de muyto peixe e muytos pombos mansos, rolas, condornizes... [2]

c) [fol. 161rº] Entam matarom muyto peixe e secarom-no e muytas aues que escalarom e secarom. E assi tomarom corchos e dragoeyros [3] e encherom-nos dagoa. E com aquelle peixe seco e aues e assi com os barrijs que ajnda tinham e com o traquete da tenda fizerom vela e partirom por esse mar.

d) [fol. 163rº] A qual [João Gonçalves Zarco] achou huma terra que se agora achama o Funchal por respecto de se alli criar muyto funcho [4].

e) [fol. 163rº - 163vº] Ho dito Johão Gonçalves em poendo fogo a huma roçada que auia de semear apegou-se o fogo ao arvoredo que durou// depois o fogo sete anos [5].

f) [fol. 166rº] Em esta ylha de Madeyra nom auia animalias nenhunas nem mansas nem brauas nem bichos nem ratos, mas agora ha nella animalias de todas sortes saluo que bicho ou besta peçonhosa nom ha hy se nom alguums legartinhos pequeninos de hum palmo porem nom fazem mal a nenguem [6] Alli nom ha pyolhos saluo muytas pulgas assi que se alguum homem dorme em alguum cabo onde nenhuum homem chegou leuamtar se ha cheo de pulgas (¹) [7]

Dos peixes a metade som diferenciados dos de Portugal [8]

(1) Ce passage est incorrectement reproduit dans l'édition Baião (p. 111).

Ho Iffante mandou a Valença por canas daçucar. E a Candia por bacello de Malvazia [9].

g) [fol. 166v^o] Aues auia nesta ylha s. pombos de serra mansas pretas e grandes e muyto saborosas. E pombos torcazes e codornizes pretas e rolas. E estas todas mansas e tantas que as pancadas as lançaum fora das casas. E a gente tomauam dellas quantas auiam mester. E para nom tomar a pomba duas vezes na mão por preguiça traziam em custume que depenauam-lhes as cabeças e assi as conheciam e as nom tomauam. E oje neste dia se acham ajnda algumas pombas nas serras desta ylha daquella sorte porem nom ja tam mansas como soyam. Das outras aues ja todas som da arte das nossas terras [10].

Esta ylha era chea de grandissimo aruoredado grosso e basto e tam altos que sayam aos çeos. E quanta madeyra cortam nom naçe mais. E por ysso se este tracto daçucar se ha de perder de ha de ser pella lenha que despois de acabada esta que aqui naçeo lha ham de trazer de fora pello qual se fara com grande custa e despesa, etc. [11].

h) [fol. 167r^o] Aruores naçem nesta ilha de Madeyra de muytas sortes e diferenciadas das nossas dellas e dellas nom, s.:

— Cedro, que he huum pao muy cheyroso. E ha aruores delle tam grossos de que vij tauoas de sete palmos em largo. E som estas aruores que pareçem mastos de nauios. Destas tauoas fazem caixas e mesas e cadeyras, etc. [12]

— Tyll he huum pao que cheyra propriamente como lixo de homem. E he tam gordo de que fazem tauoa[s] de cinco palmos em largo. E das tauoas deste pao fazem as caixas de açucar. E este pao he de duas sortes, s. branco ho qual no fede se nom tiuer alguma cousa de preto. Sua folhya he como de lourell, assi sua fruyta como de lorel [14].

— Teyxo poa de que fazem os arcos naçe aqui muyto e aruores tam gordas de que fazem tauoas de sete palmos [15].

— Pao branco que he muyto duro de que fazem os eixos e parafusos para os engenhos de açucar. E nom podreçe em agoa soo saluo se teuer sol e chuyua [16].

i) [fol. 167v^o] — Vinhatico pao naçe em a ylha de Madeyra tam grosso que fazem tauoa[s] de quatro palmos em largo. Suas folhyas som mais longas que do laurel. Sua casca he ruyua. Esta aruore tem sua fruyta como baga de lorel do qual fruto se alguma besta como [*sic*, = come] morre.

— Aderno he huum pao muyto forte e rijo e bõo para virotes, delle tam gorde de que fazem tauoas de tres palmos em largo. ho fruto della he maçaynhas pequenas e redondas e mais pequenas que cerejas, som pretas e doçes e bõas para comer. Sua casca he muy bõa para curtir coyros. E tem coor de canella [18].

— Barbusano he o melhor pao de todos, he de coor roxa, e nũca podreçe em agoa nem vento nem sol e he tam pesado que quando cae em agoa vaa ao fundo. E fazem tauoa[s] delle de cinco palmos. Sua fruita

como baga de lorel e nom presta para comer. Suas folhas mais estreytas e agudas que do lorel e muyto verde [19].

j) [fol. 168^o] — Azevinho pao e muy bôo e presta muyto para doentes s. aguçallo e chantallo a qualquer besta nas narizes ata que lhe sae sangue, presta para cluas e tercanas. Tem folha como lorel longa e meudinha. Tem fruito, baga ruyua como grana [20].

— Marboleno he bôo para virotes e viras, seu fruito ha como azevtona e hum pouco mais longo e aproueita para door de cabeça [21].

— Hurz he hum pao de que fazem ho caruan. E fazem tauoa[s] delle de V palmos [22].

2. *Porto Sancto ilha (fol. 161v^o et 170v^o - 173r^o)*

a) [fol. 161v^o]. Os castelhanos em conquistando as Canarias vierom ter a esta ylha do Porto Santo com tempo e acharon nella as cabras de que fezeron carnaje e assi tomaron agoa e sangue de dragam que tyram das aruores dragoeyras. E dy auante quando hyam sobre os Canareos sempre vinham aa dita ilha fazer carnagem [23].

b) [fol. 170v^o]. Em hindo estes caualleiros com sua gente e criados para pouorar esta ylha de Porto Santo, andando pello mar, amtre outras cousas leuaron consigo huma coelha prenha em huma gayolla que pario no mar. E soltaron com seus filhos na dita ylha os quaes em breue tempo multiplicaron tanto que nom podiam semear que lhe nom estragassem todo, pello qual a dita ylha leixarom a pouorar. E por ysso Bertolomeo Perestrello se tornou para Portugal e por nom auer agoa na dita ylha se nom salobra.

c) [fol. 171r^o]. Anno de 1420 mandou o Iffante Dom Hamrique tornar aa ylha do Porto Sancto a Bertolomeo Perestrello para pouorar a dita ylha pera com a multidam dos coelhos e por cuja causa se nom pode nella fazer laura. E assi pera nom auer agoas e a terra em sy ser steril nom se fez tanta obra nella como em a ylha de Madeyra porem criam se muytos gaados e apanham nella muyto sangue de dragam [24].

d) [fol. 171v^o] Em ista ilha ha muytas perdizes, pombas, coelhos, vacas, ovelhas, cabras e porcos.

Nesta ilha ha muyto pescado.

Em esta ylha ha de todallas aruores como em a ylha da Madeyra, porem nom tanta, afora teixo e cedro. Dragoeyros aruores som as principais aruores de toda esta ylha. E delles som de grossa como hum tonel. E sua feyçam he fora das nossas aruores, s. em noos como cana e assi os ramos. E as folhyas como de erua babosa. Tem fruito amarelho tam grandes como çerejas he bôo para comer [25].

Este pao nom he duro se nom muyto molle e feito da maneyra de sponja ou estopa ajuntada. E se laura todo em verde...

e) [fol. 172r^o - 172v^o]... porque seendo seco se quebra em o laurar. E fazem delle tauolachmas e pauezas e gamellas grandes e pequenas.

E he pao muyto leue mais que nenhum outro. E se mantem mais no enxuto que em agoa despois de laurado.

Esta aruore he muyto ramudo. E homem que chegue com grandes calmas e va a sombra della recebe homem grande refresco de frialdade. E se homem tiuer sede quebra huum ramo e chupa nelle se passa a sede.

Esta aruore lança de sy huma goma que val muyto e he auido em grande preço mais que o sangue de dragam, assi para porturas como para enfermidades e solda. E esto quando homem cae e quebra alguma costilla ou alguma cousa no corpo em bebendo desta goma se solda. E assi presta para muytas outras enfermidades. [26]

Sangue de dragam tiram e fazem desta maneyra, s. dam muytas cuytelladas com huum machado na aruore dragoeyro e assi as leixam estar huum anno. E aquella humidade se // cria alli como tinta em aquellas suas cascas onde assi foy cortada. E a cabo de aquelle anno tirem toda aquella casca pintada e deytam-na a secar. E depois de seca poem-na cm huma caldeyra e o deixam cozer huma bôa feruura com fogo forte. E despois que he assi cozida lançam a casca fora. E aquella sangue sempre fica no fundo dagoa. E tiram aquella agoa e assi com ella o sangue e lançam-na em huma maseyr de pao. E alli a leixam-na estar por poco espaço. E tirem dalli agoa e fica o sangue no fondo. E se aproveitam do sangue. E com aquella mesma agoa cozem outra casca e fazem como de primeyra em quanto a agoa dura. E ha se de cozer o sangue de dragam no tempo que non venta leuante, porque com este tempo nom se quer fazer nem coalhar nem ajuntar. E ho mais tempo com que se coze he com tempo com que se coze he com tempo nordeste e noroeste. [27]

Este aruore produz huum fruto que no mes de março nem ser maduro e he bôo de comer e parece em grandura com cerejas se nom he [*sic*, = que] he amarelho.

f) [fol. 173v°] Huum ylheo dos sobreditos sete que se chama Dos Cynorios que da cynorios brauos tam grandes como perna de huum homem quasi todos. E delles tam gordos como huum homem pela cinta. E levam nos dy e prestam para muytas enfermidades. E som bôas de comer assadas no forno. [28].

Outro ylheo destes se chama Dos Coelhoos. Em qual ha muytos coelhos pretos, brancos e vermelhos e de muytas cores. [29]

3. *Saluagem ilha*

[fol. 157r°] Saluagem ilha. E esta contam alguums antre as ilhas de Canarea. E jaz ha mea paragem antre estas ilhas e de Madeyra. E he ilha pequena e despourada. Ha nesta ilha alguumas cabras brancas e muytas aues do mar. E nom tem agoa nenhuma.

Anno de 1438 acharom as carauellas do Iffante dom Anrrique esta ilha e acharam nella ursella e ouuerom licença do dito Iffante que a apanhassem porem que lhe dessem o quinto della.

Ursella he hũa herua que nace amtre os rochedos com que tingem pannos vermelhos e val muyto em Yngra terra e Frandes. [30]

II. *De insulis primo inuentis in mar oceano oceidentis, et primo de insulis Fortunatis: quae hunc de Canaria vocantur* (fol. 287r° - 289r°).

1. *De insula Seluagem*

[fol. 287r°] (Baião, 1940, p. 203)

Ce court passage de Diogo Gomes sur Selvagem Grande ayant déjà été reproduit par Armando J. G. Figueira dans le *Bol. Mus. Mun. Funchal*, n.º XVIII, 1964, p. 139, il n'a pas semblé nécessaire de le replacer ici. Il intéresse l'histoire naturelle à la fois par l'exploitation de l'orseille (avec paiement du quint à l'Infant) et l'introduction des chèvres, qui remonte donc au 15^e siècle. [31]

2. *Insula de Porto Sancto juxta insulam de Madeyra*

Fol. 287v° (Baião, 1940, p. 203-204)

Tempore Infantis Domini Henrici quaedam caravela cum tormento vidit insulam paruam, quae est justa insulam de Madeyra quae vocatur nunc Porto Sancto, non populatam. Et in ista insula de Porto Sancto sunt multae arbores, quae vocantur dragoeyros qui emittit resinam pulcherrimam rubei coloris, quae vocatum sanguis draconis. Et reuersa est illa carauela nuntians Infanti terram inuentam, de qua secum portauerunt sanguinem draconis de ramos aliarum arborum, de quo Dominus Infans multum gauisus est [23].

3. *De Insula de Madeyra: quanto fuit habitata*

Fol. 188r° (Bião, 1940, p. 204-205) [le "miles quidam familiaris et nutritus Domini Infantis, nomine Ioham Gonçalvez Zarco" sollicite de l'Infant la capitainerie de l'île, qu'il se propose de peupler" una cum uxore et familia ipsius"]. Et placuit Domino Infanti, qui prauit caravelas mittens in eas vaccas, porcos, aues, et caetera animalia domestica. Et euntes accesserunt ad locum praedictum de Funtschal. Ibi intrauit terram cum omnibus suis et quae secum portauerat, facientes que domos de ramis arborum et foeno, quia tota illa insula erat plena foeno, quia tota illa insula erat plena foeno er arboribus er foliarum arborum quae de arboribus cadebant. Caraueli vero reuersi Portugaliã, remanentibus illis in insula, ad portandum illis victualia er alia necessaria remanentibus. Miles vero volens seu cupiens scire, quae terra esset sub foeno foliorum arborum, an fructifera vel sterilis, incenderunt igni foenum et folia, quae jacebant in terra. Creuit ignis et factus est tam magnus ut domus et omnia quae

habebant combusta sunt. Et homines et mulieres non habebant aliud remedium, nisi quod se miserunt in aquas usque ad collum, et adhuc putabant comburi. Et dederunt flumini illo, ubi sic steterunt, nomen Rybeyra dos Çuccurendos. Et sic remanserunt illic sine victualibus, usque Dominus Infans eis misit necessaria, et comedebant interim de aibus, quae ibi in copia maxima habebant, similiter et de piscibus maris, quos accipiebant, qui etiam in maxima copia ibi habebantur. Et est verum, quod auium multitudo erat ibi tanta, quod si vir vel mulier portabat baculum in humeris, columbi et toraces sedebant super eum, ut manibus ipsos capere portuerunt. Et dicunt quod per IX annos insula illa semper ardebat, quia ignis erat inextinguibilis propter multitudinem foliarum, quae ibi erant tanto tempore congregati e quando ego Dioguo Gomez illic fui prima vice, quod jam plus quam XXX anni sunt, dictum mihi ibi fuit, quod adhuc, in aliquibus locis ignis sub terra ardebat [33].

Ibidem, fol. 288^v - 289^r (Baião, 1940, p. 205): Et sic transeuntes per totam terram quaerentes et videntes terram, quae vel qualis esset melior ad inhabitandum, et non inuenerunt meliorem quam locum Funtschal. Et inuenerunt ibi ligna de quibus faciunt arcus, vulgariter tesch, in grossitudine una pipa et altae nimis. Et [fol. 209^r] fui ibi maxima copia ligni cedri et grossi sicut supradictum lignum, ac arbores qui dicuntur barbusanum, et lignum ponderosum sicut plumbum, quod neque aqua neque terra ipsum potest corrumpere. Et si aliquod istorum lignorum ponatur in aliquo aedificio, permanet incorruptum in aeternum. Est etiam aliud lignum, quod dicitur barrabulanum, quod est valde album, quia barbusanum est rubeum tendens ad nigrum [34]. Et lignum tyll et caeteri arbores diuersas a nostris arboribus. Et naues reversi ad Dominum Infantem narrantes ei, quoniam combusta erant in insula. Qui Infans immediate illuc direxit naues pluras cum victualibus et animalibus, viros et mulieres ad populandum terram. Qui inceperunt seminare triticum et auenam, et terra erat sic fertilis, quod una mensura dabat 50 et plus, et sic de aliis fructibus terrae, que seminabant. Et habebant ibi tantum triticum, quod naues Portugaliae omni anno illuc venerunt, et quasi pro niho habuerunt.

NOTES

1. Cette observation d'oiseaux «mãsos» pris à la main n'est pas unique: voir plus loin, p. 3.
2. *Pombos*: pigeons (*Columba trocaz*, *rolas*: tourterelles, *codornizes*: cailles).
3. Dragonnier (*Dracaena draco*): nous sommes ici à Madère, d'où l'espèce a pratiquement disparu et non à Porto Santo.
4. Étymologie bien connue du toponyme Funchal: lieu où abonde le fenouil (*Foeniculum vulgare*).
5. Peut-être l'une des sources de la tradition de l'incendie forestier ayant duré 7 ans (voir aussi *infra*, p. 7).

6. Pas de mammifères sauvages à Madère, mais seulement des lézards. Ce passage est reproduit presque textuellement par Fructuoso (1873, p. 67): "não pelo na ilha hever de animaes ferozes, nem bichos peçonhentos e nocivos, como em outras partes, porque nesta fresca ilha se não achou outro género de bichos se não humas lagartixas pequenas tamanhas de hum dede, que não fazem damno notavel, nem são peçonhentas". Il semble très vraisemblable que l'auteur a connu sinon la texte de Valentim Fernandes du moins, peut-être, une source commune.
7. Abondance de puces: quelle espèce?
8. Oui et non: la faune ichthyologique côtière de Madère est largement lusitanienne.
9. Diogo Gomes spécifera (fol. 289^o - v^o), à propos du partage de l'île entre João Gonçalves Zarco (Funchal et l'Ouest, 1450) et Tristão Teixeira (Machico, etc, 1450), que la région occidentale "est fertilis multum ubi triticum in copia, vinum Maluasía optimum et vinum de Terrasco, cannas çuccari, sic quod faciunt çuccarum in tanta copia, quod defertur ad partes ocientales et occidentales".
10. La liste des oiseaux de Madère de A. Fructuoso [1590] (1873 p. 107) est plus détaillée: gaviões e assores, billafres, brancellos, cornjas, perdizes, pavões, galipavos, gallinhas de Guinee..., pombos trocazes pretos e brancos, palas e adens, pombas bravas e mansas,... muitos melros, canaria, pintasilgos, toutinegras, lavandeiras, tintilões, codornizes, rolas, poujas, coelhos e cagarras, gaivotas, estapagados e outras aves do mar. Il serait intéressant d'identifier ces oiseaux (certains sont domestiques) et de comparer ces noms aux actuels; Sarmento (1936) donne: tentilhão (*Fringilla madeirensis*), pombo (negro) (*Columba trocaz*), coruja (*Strix flammea*), tutinegra (*Sylvia atricapilla*), lavandeira (*Motacilla*), codorniz (*Coturnix*), pintassilgo (*Carduelis*), rola (*Turtur*), gaivota (*Larus*).
11. Déjà les inconvénients du déboisement...
12. *Juniperus cedrus* Webb (*J. oxycedrus* L. 1758 ssp. *maderensis* Mnzs 1908): cf. Menezes 1904, p. 16, 1914, p. 201 et 1965, I, p. 254: "O tecto da Sé cathedral [Funchal] foi feito com madeira de *Juniperus oxycedrus* no tempo em que elle era abundante na ilha" (Menezes, 1914, p. 201).
13. Première lauracée, *Ocotea foetens* (W. Ait. 1789) Baill. 1870; cf. Fructuoso, 1873, p. 106; Menezes, 1904, p. 1374; 1913, p. 7; 1914, p. 158; 1965, I, p. 379 et II, p. 213; Cordoba & Melina, 1951, p. 346 (til); Boesser, 1961, p. 10; Franco, 1960, p. 89, 99. La phrase "E este pao he de duas sortes" est peut-être incomplète, car on devait s'attendre à l'évocation des deux variétés, la blanche, non puante et une autre. Ni Pereira (1900, p. 163) ni Baião (1940, p. 111) n'ont commenté cette phrase.
14. Il ne peut s'agir que du laurier de Madère, *Laurus azorica* (Seub. 1844) Franco 1960; cf. Menezes, 1913, p. 7; 1914, p. 158 (Coireiro) et 1965, I, p. 214, 272; Boesser, 1961, p. 10; Cordoba & Medina, 1951, p. 347 (loro, laurel); Franco, 1960, p. 89, 96. Le *louro* de Fructuoso (1873, p. 106) ne semble pas pouvoir être un *Laurus*: "que no mato baixo como urzes que dá flor amarella, de que gastão nos fornos, e della se colhe a verga, que esburgão como vimes, de que se fazem cestos brancos mui galantes e frescos para serviço de meza, o offerta de baptismos e outras cousas, por serem muitos alvos e limpos".
15. C'est l'if, *Taxus baccata* L. 1753; cf. Menezes, 1904, p. 17; 1914, p. 212 et 1965, I, p. 352.

16. Le pao branco est une oléacée, *Picconia excelsa* (W. Ait. 1789) A. DC. 1844; cf. Menezes, 1904 p. 12; 1914, p. 112 et 1965, I. p. 55; Cordoba & Medina, 1951, p. 402 (palo blanco); Boesser, 1951, p. 11.
17. Encore une lauracée, *Persea indica* (L. 1753) Spreng, 1825; cf. Fructuoso, 1873, p. 105 et 1925, p. 128 (vinhatigo); Menezes, 1904, p. 13; 1913, p. 6; 1914, p. 156 et 1965, I, p. 389 et II, p. 212; Cordoba & Hedina, 1951, p. 345 (vifiatigo); Boesser, 1951, p. 10; Franco, 1960, p. 69 et 98.
18. La seule myrsinacée de Madère; *Heberdenia excelsa* (W. Ait. 1789) Banks ex A. DC. 1844; cf. Fructuoso, 1873, p. 105 et 1925, p. 128 (adorno); Menezes, 1904, p. 10; 1914, p. 110 et 1965, I, p. 16; Boesser, 1951, p. 11.
19. Quatrième lauracée, *Apollonias barbujana* (Cav. 1801) Bornn. 1903; cf. Fructuoso, 1873, p. 106; Menezes, 1904, p. 13; 1913, p. 6; 1914, p. 157 et 1965, I, p. 121, et II, p. 213; Boesser, 1915, p. 11; Cordoba & Medina, 1951, p. 346; Franco, 1960, p. 89, 100.
20. Le houx de Madère, *Ilex canariensis* Poir 1813; cf. Fructuoso, 1873, p. 105 et Menezes, 1914, p. 37 et 1965, I, p. 108.
21. La seule sapotacée de Madère, *Sideroxylon merulano* Banks ex Lowe 1830; cf. Menezes, 1904, p. 10, 1914, p. 111 (marmulano) et 1965, I, p. 326.
22. Une bruyère, très probablement *Erica scoparia* L. 1753 que Menezes appelle urze durazia [durasial] ou das vassouras (1904, p. 9; 1914, p. 108 et 1965, I, p. 339), l'urze mollar étant *E. arborea*.: "As touças d'esta espécie produzem o melhor carvão da Madeira e os ramos são utilizados como combustível e para o preparo de vassouras" (1914, p. 108).
23. Le *dragoeiro* (cf. Feuillée, [1724], p. 245-247, 2 pls; Menezes, 1914, p. 170; Monod, 1934, p. 466-468), *Dracaena draco* L. 1753, a aujourd'hui disparu de Porto Santo.
24. Ce récit de l'origine des lapins de Porto Santo est un doublet de celui de Zurara, au Chapitre LXXXIII (p. 231): "E acertou-se que entre as coisas que levavam consigo para lançarem na dita ilha assim era uma coelha, a qual foi dada ao Bartolomeu Perestrelo por um seu amigo, indo a coelha prenhe em uma gaiola; e acertou-se de partir no mar, e assim leuaram tudo a ilha. E sendo eles alojados em suas cabanas para ordenarem suas casas, soltaram aquela coelha com seus filhos para fazerem criação os quais em mui breue tempo multiplicaram tanto, que lhe empacharam a terra, de guisa que não podiam semear nenhuma coisa que lha eles não estragassem. E é muito para maravilhar, porque acharam que no ano seguinte que ali chegaram, mataram deles muitos, não fazendo porém mingua; por cuja razão deixaram aquela ilha, e passaram-se à outra da Madeira, que será quarenta leguas em cêrco, e dozo do Porto Santo, e ali ficaram os dois, scilicet: João Gonçalves e Tristão" (texte de Godinho, 1943, p. 172-173). Le texte de Valentim Fernandes semble donc simplement emprunté à Zurara, à moins, bien entendu, qu'il n'ait existé une autre source, commune à Zurara et à Fernandes; l'histoire de cette lapine figure d'ailleurs dans plusieurs autres textes (cf. Bourdon, 1960, note 3, p. 231). Sur le lapin de Porto Santo, auquel il faudra bien un jour comparer celui de Selvagem Grande, voir: Carlos França, Contribution l'étude du Lapin de Porto Santo, Bull. soc. port. Sc. nat. VI, 1913, p. 78-89, 10 bip [pl. I] et J.-L. Mouglin, Données

craniométriques sur les lapins introduits sur les îles subtropicales de l'océan Atlantique Nord (îles Selvagens, Madère et Porto Santo) et sur des îles subantarctiques de l'océan Indien (îles Kerguelen et Crozet), Bol. Mus. Mun. Funchal, 37 (169): 130-157, 15 figs., 1985; le lapin de Porto Santo a recue le nom de "*Lepus Huxleyi*" Haeckel 1868.

La multiplication des lapins n'aurait donc pas été la seule cause de l'abandon de Porto Santo: le manque d'eau et la stérilité des sols ont pu jouer aussi.

25. La comparaison de la feuille du dragonnier avec celle de l'*herva babosa* est juste car cette dernière plante est un *Aloe*, mais lequel? Hansen (Cheklist of the Vascular plants of the Archipelago of Madeira, Bol. Mus. Mun. Funchal, n.° XXIV, 1969) ne cite aucun *Aloe* parmi les Liliacées indigènes. Peut-il y avoir eu dès le 15^e siècle des introductions? Dans ce cas il peut s'agir d'*Aloe vera* (L.) Webb ou d'*Aloe arborescens* Mill.; le nom de "babosa" est toujours utilisé (Menezes, 1914, p. 171).
26. Les vertus de la drogue sont énumérées dans tous les ouvrages anciens de matière médicale mais les données sont imprécises car le «sang dragon» pouvait provenir de plusieurs plantes très différentes.
27. Les renseignements sur la technologie de la préparation du sang-dragon de Porto Santo sont d'une précision exceptionnelle et de grand intérêt historique. On peut ajouter ici le texte intéressant de Cordeiro (1876, p. 92): "O principal arvoredo d'esta ilha he de zimbro, e urzes e de tantos e tão grandes Dragoeiros, que de tronco de hum fazem não só gamela que leva hum moio de trigo, mas tambem barco que leva seis, e sete homens a pescar. As frutas d'estes Dragoeiros chamão Masainhas, que são como avellãs, doces, e amarellas, e com ellas engordão os porcos; e dos taes Dragoeiros sobe o sangue de Dragão, tão celebre nas boticas; mas tantas barcas, gamelas, e rodelaes fizerão d'estas arvores, que hoje [1717] são poucas; e geramente he pouco o arvoredo da ylha".
28. Je n'ai pas pu identifier les "*cynorias*".
29. Où est cette "île des lapins"?
30. Il y a déjà des chèvres, sauvages; quant à l'"*ursela*", on sait que l'orseille est un lichen, dont il existe aux Salvages plusieurs espèces: *R. boergensenii* Vaih., *R. canariensis* Darb. em. Vain., *R. fuciformis* DC, *R. fucoides* (Dicks). Vaih., *R. tinctoria* DC, *R. vicentina* (Vain.) Vain. On obtient de ces lichens une teinture rouge.
31. L'introduction des chèvres à la Grande Salvage a lieu très tôt, mais il n'est pas question ici des lapins dont on ignore complètement la date d'arrivée. Pour l'orseille; comment Pereira (1900, p. 289) et Godinho (1943, p. 99) peuvent-ils écrire "*amarela*" quand le texte de Diogo Gomes porte "*rubrum colorem*"?
32. Découverte du dragonnier à Porto Santo.
33. Ce passage sur Madère parle du célèbre feu qui aurait brûlé tant d'années: il a dû y avoir un incendie de forêt, or surtout peut-être de "foin" et de feuilles séchées. Il n'est toutefois pas vraisemblable qu'il ait duré 7, voire 9 anos, et que 30 ans après en certains endroits, le feu brûlât encore "sous la terre". — La "Rybeira dos Çucurendos" est évidemment la "Ribeira dos Succurendos".
34. Distinction entre "*barbusanum*" (*Apollonias*) et "*barrabulanum*" (=«marbolano») (*Sideroxylon*); quant au "tyll", c'est la lauracée *Ocotea foetens* (Ait.) Baill.

BIBLIOGRAPHIE

Baião, António:

1940. O manuscrito "Valentim Fernandes", Acad. port. de História, Lisboa, 1940, 4.º, 145 p., 16 pls. — [Le texte complet, transcrit, du *Codex monac. hisp.* 27]

Boesser, Ernst Walther:

- 1948-49, 1951. Esboço sobre o endemismo e a colocação fitogeográfica da flora da Madeira, Bol. An. Junta. Lacticínios. Madeira, 1948-49, 1951, 23 p., 1 pl. coul.

Bourdon, L.:

1960. voir: Zurara.

Cénival, P. de et Th. Monod:

1938. Description de la Côte d'Afrique de Ceuta au Sénégal par Valentim Fernandes (1506-1507), Publ. Com. Et. hist. scient. Afr. occid. française, Serie A, n.º 6, Paris, 1938, 215 p., 1 fig., 1 carte h. t. — [Texte, traduction et notes].

Cordeiro, Padre António:

1866. História insulana das Ilhas a Portugal sujeitas no Oceano Occidental, Lisboa, 1866, vol. I, XII + 316 p., vol. II, 407 p. — [L'édition originale est de 1717].

Cordoba, Luis Ceballos Hernández de & Francisco Ortuño Medina:

1951. Estudio sobre la vegetacion y la flora forestal de las Canarias Occidentales, Madrid, 1951, 465 p. 17 figs. num., 13 cartes et croquis, 14 pls. (p. p. coul.), 165 phot.

Fernandes, Valentim:

1847. Das ilhas do mar oceano, p. 62-72 in: Scmmeller 1847. — [fol. 141-196 du *Codex monac. hisp.* 27].

Franco, João de Amaral:

1960. Lauráceas Macaronésicas, An. Inst. sup. Agronomia (Lisboa), XXIII, 1960, p. 89-104.

Feuillée, R. P. Louis:

- s. d. [> 1724]. Voyage aux Isles Canaries..., Mus. nat. Hist. nat., MS 38, 305 p., notes, pls., 1 carte h. t.

Figueira, Armando J. G.:

1964. The Salvage Islands: some geographical, geological and historical notes, Bol. Museu Municip. Funchal, n.º XVIII, Nov. 1964, p. 132-139, 2 figs.

Fructuoso, Gaspar:

1873. As Saudades da Terra. História das Ilhas do Porto Santo, Madeira, Desertas e Selvagens. Manuscrito do século XVI anotado por Alvaro Rodrigues de Azevedo, Funchal, XI+920 p., 1 port. front., (parte II, p. 313-920: Notas e índices).
1925. Livro 2.º das Saudades da Terra em que se trata do descobrimento da ilha da Madeira e suas adjacentes e da vida e progenie dos illustros capitães dellas, intr. et notes de Damião Peres, Porto, 1925, 322 p., 19 pls. n. num. — [le texte date de 1590].

Godinho, Vitorino Magalhães:

1943. Documentos sôbre a expansão portuguesa, vol. 1, Lisboa, 1943, 245 p. — [reproduit, pp. 69-106 la traduction de Pereira du *De prima inuentione Guineae* (y

compris le *De insulis primo inuentis in mar oceano occidentis...*].

Gomes, Diogo:

1847. De prima inventione Guinneae, pp. 17, 18-33, 34 in Schmeller, 1847 [fol. 270-283 r.º du *Codex monac. hisp.* 27].
1847. De insulis primo inuentis in mar oceano occidentis et primo de insulis Fortunatis, quae nuna de Canria nocabantur, pp. 34-41 in Schmeller, 1847 [=fol. 284 r.º - 291 du *Codex monac. hisp.* 27].

Kämmer, Franco, collab. G. E. Maul:

1982. The scientific names of plants and animals in the «Elucidário Madeirense», with a reference to the importance of this Portuguese work, Bol. Mus. Municip. Funchal, n.º XXXIV, Art. 145, 1982, p. 35-59.

Menezes, Carlos Azevedo de:

1904. Arvores e arbustos madeirenses, Funchal, 1904, 17 p.
1913. Saxifragacées, Plombaginacées, Orobanchacées, Lauracées, Liliacées et Gymnospermes de l'Archipel de Madère, Bull. Soc. port. Sc. nat., VI, 1913, fasc. 3. p. 1-14.
1914. Flora do Archipelago da Madeira, Funchal, 1914, 282 p.
1965. [Articles de botanique dans l'encyclopédie Elucidário Madeirense, 3º ed., Tome I, 1965, VII + 413 p. et Tome II, 1965, 448 p.].

Milburn, Mark:

1984. Dragon's blood in East and West Africa, Arabia and the Canary Islands, Africa (Istit. Italo-Africano), 39, n.º 3, sett. 1984, p. 486-493.

Monod, Th.:

1934. Notes canariennes, La Terre et la Vie (Paris), 4, n.º 8, 1934, p. 451-468, 10 figs. — Le dragonnier, p. 466-468.

Monod, Th., R. Mauny et G. Duval:

1959. De la première découverte de la Guinée, récit par Diogo Gomes (fin XVº siècle), Centro de Est. Guiné Port., n.º 21, 1959, 89 p., 2 cartes. — [Texte, traduction et notes].

Pereira, Gabriel:

1900. Valentim Fernandes, allemão. Chronicas das islas do Atlantico: Canarias, Madeira, Açores, Cabo Verde, S. Thomé e Anno Bom, 1506-1510, Rev. port. colonial e marítima, VI, n.º 32, 20 avril 1900, p. 92-102; n.º 33, p. 283-290; n.º 36, p. 347-356.

Pereira, Gabriel:

- 1898-1899. Diogo Gomes. As relações do descobrimento da Guiné e das ilhas dos Açores, Madeira e Cabo Verde, Bol. Soc. Geogr. Lisboa, (17), n.º 5, p. 265-293.

Sarmento, Alberto Artur:

1936. As aves do Arquipélago da Madeira, Funchal, 1936, XXIV * 142 p.

Schmeller, J. A.:

1847. Ueber Valentî Fernandez Alemã und seine Sammlung von Nachrichten über die Entdeckung und Besitzungen der Portugiesen in Afrika und Asien bis zum Jahre 1508, enthalten in einer gleichzeitigen portugiesischen Handschrift der Königl. Hof- und Staats-Bibliothek zu München, Abhandl. Philos.-philol. Classe der K. Bayer. Akad. Wiss., Band IV, Abth. 3, 1847, p. 1-73.

Zurara, Gomes Eanes de:

1960. Chronique de Guinée, texte, traduction et notes de L. Bourdon, Mém. Inst. fr. Afr. Noire, n.° 60, 301 p., 2 cartes.